

EDIÇÃO 71

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
06 DE DEZEMBRO DE 2021





Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e a relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva

Equipe editorial: Walnice Aparecida Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias, Natália Marques da Silva

Artista Visual Convidado: Rauni Vilasboas

Colaboradores: Rauni Vilasboas, Luciene Candia, Paulo Gabriel, Patrícia Dayane Acs, Adilson Vagner de Oliveira

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO

email: nodoanobrim.mt@gmail.com



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

Editorial

É normal o leitor esperar das revistas e jornais literários uma avaliação crítica e consciente da qualidade das obras de arte no campo da literatura. No entanto, leitor de *Nódoa no Brim*, não iremos eximir nosso público de tal tarefa. Sabemos que o valor de uma obra é uma ilusão, como aponta Compagnon, “o valor literário não pode ser fundado teoricamente: é um limite da teoria, não da literatura”. Em nome desse suposto valor que a crítica deve fazer, muitas obras e muitos escritores deixaram de ser lidos de fato. Em contrapartida ao cânone literário, existe um fortificado grupo que, cheio de boas intenções, elege um cânone periférico, se assim podemos dizer, para o qual a crítica é consideravelmente branda ou previamente formada. Mas essa nem é a pior das ações. O que mais fere a literatura alcança esses dois espaços, é o apagamento ao considerar que as obras escolhidas já são donas de uma qualidade intocada, atestada tanto pela crítica do cânone quanto pela crítica de obras periféricas. Portanto, não espere, caro leitor, que colaboremos para a formação de uma redoma eterna de bons escritores porque não é esse nosso intento.

Queremos proporcionar experiências literárias, sem a preocupação de garantir um futuro certo para o que oferecemos ao nosso leitor. O que ficará para posteridade é uma decisão comunitária, cabe tanto ao crítico como ao público. Dessa forma, preferimos que o leitor desconfie do que é apresentado e tenha o direito de julgar.



Claudia Zortea

Sumário

Editorial

3

Claudia Zortea

Poema

5

Coração Cercado
Paulo Gabriel

Resenha

6

Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes: a poesia imagética de Caio F.
Luciene Candia

Conto

8

Vermelho Luto
Adilson Vagner

Artigo

12

Escritas de resistência: custo de vida e literatura em Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto
Patrícia Dayane Acs



CORAÇÃO CERCADO

Brinca o mistério nas janelas do mundo
reatando o medo nos ossos que duvidam.

Não
eu não equilíbrio palavras no espaço para depois morrer.

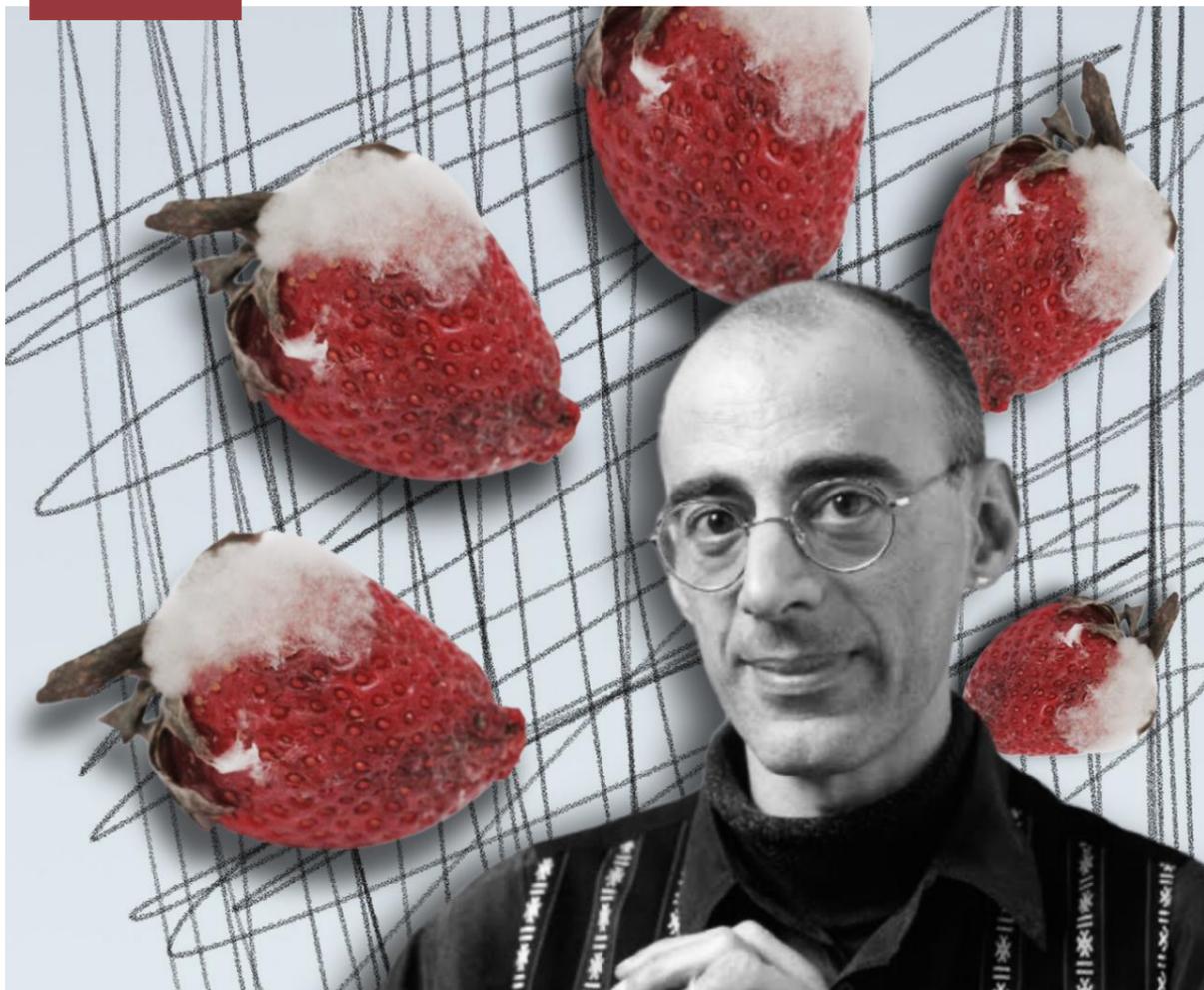
Porque a palavra nega a morte
e viver é ser invadido por palavras de amor
na frágil eternidade cotidiana!

GABRIEL, Paulo. **Poesia: obra quase completa.** 2016.



Paulo Gabriel

Frei agostiniano, Paulo Gabriel nasceu na Espanha e é naturalizado brasileiro. Vive no Brasil desde 1972. Morou 20 anos na Prelazia de São Félix do Araguaia e atualmente reside no Vale do Jequitinhonha no norte de Minas. É poeta, formado em jornalismo. Escreve prosa e poesia tendo vários livros publicados.



Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes: a poesia imagética de Caio F.

Existe sempre alguma coisa ausente.

“Why to normal?” pergunta a camiseta na abertura de *Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes* (2013). Nos minutos seguintes, ‘o escritor da paixão’, como Lygia Fagundes Telles o chamava, lê *Caso pluvioso*. Os versos pluviosos drummondianos anunciam a seleção de imagens combinadas com fragmentos das obras de Caio Fernando Abreu lidos por seus amigos. Gravado

em Amsterdã, Berlim, Colônia, Fernando de Noronha, Londres, Marselha, Paris, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Saint Nazaire, Santiago do Boqueirão e São Paulo, cidades por onde o escritor passou, *Sete Ondas* combina imagens e textos atravessados e entrelaçados por um tempo e espaço suspensos. Inexiste o passado, inexiste o presente, e o lugar é apenas um estado

passageiro.

Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes é filme-documentário *road movie* e divide-se em sete ondas-temas, tão repetidamente explorados no escopo literário do escritor:

Onda 1: da solidão. Jogo de imagens e sensações que mesclam o corpo em ferro da arte exposta ao ar livre e o corpo vivo que sente frio, calor, dor e desejo: “Meu Deus, como você me doía de vez em quando!”

Onda 2: do espanto. O filme documental não adota a estrutura de depoimentos, exceto a história contada de quando o escritor foi realizar uma palestra na escola em que estudou o ensino médio, em Santiago do Boqueirão, sua cidade natal, e agradeceu, logo no início da sua fala, aos colegas e antigos professores presentes, incluindo os que o perseguiam pelo seu “jeito extrovertido”. Desconcertados, esses professores saíram. A provocação é vingativa pelas humilhações não esquecidas.

Onda 3: do amor. Trechos da novela *Bem longe de Marienbad*, escrita durante a estada em Saint Nazaire, cortam a travessia da câmera na cidade francesa. A ausência de K. e a impossibilidade do amor. K. é o eterno retorno, é um personagem circular. K. é Pedro, é o amante que parte deixando para trás o abandono e memórias. “O NUNCA MAIS de não ter quem se ama torna-se tão irremediável quanto não ter NUNCA MAIS quem morreu”, sentencia dramaticamente a crônica “Extremos da paixão”.

Onda 4: da melancolia. A inquietação

da existência: “nunca antes / uma coisa nem ninguém / me doeu tanto / como eu mesmo / me doo agora”.

Onda 5: do transbordamento. “y hay cuerpos que no deben repetirse en la aurora”. *Ode a Whitman*, de Federico García Lorca.

Onda 6: do ir-remediável. “Deve ser bonito,/ mesmo melancólico,/ alguém que se foi pensar em você/ num lugar improvável como esse.”

Onda 7: para além dos muros.

Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes é dirigido pelo jovem, e já experiente, diretor Bruno Polidoro. A geração leitora cada vez mais jovem simboliza o espaço de representação ocupado pela literatura de Caio F. na contemporaneidade e a certeza de que a arte sempre nos salva da opressão, da carece e da tentativa de emudecimento.

Esse texto-apresentação encerra-se ecoando versos de “Alegre”, melodia amorosa composta por Adriana Calcanhoto em homenagem a Caio: “hoje tem uma alegria em mim / hoje eu acordei alegre / Nem nada mudou tanto assim / mas qualquer coisa em mim/ urge/arde em febre / Hoje serei enfim / quem você / quiser de mim, me leve / que eu hoje vou dizer: sim / ao que quer que me espere / me espere”.

FICHA TÉCNICA

Título Original: *Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes* (2013)
Duração: 1h 13min
Direção: Bruno Polidoro, Cacá Nazario
Gênero: Documentário
País: Brasil



Luciene Candia

Luciene Candia é aventureira. Na profissão, enquanto professora de Língua Portuguesa e Literatura, atuou na rede básica de ensino, em cursos técnicos e, também, no ensino superior, no Brasil e em dois países, Cuba e Colômbia. Atualmente, desenvolve pesquisa de doutoramento na perspectiva da literatura comparada com Caio Fernando Abreu e Manuel Puig.



VERMELHO LUTO



Adilson Vagner de Oliveira

É professor da área de Linguagens no Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Avançado Tangará da Serra, recentemente passou a experimentar o processo de escrita criativa através de contos, poemas e romances para utilizar em suas aulas na educação básica.

Depois de dois dias seguidos de chuva persistente, aquele dia parecia-se diferentemente especial para Elza, até mesmo a chuva percebera isso e decidiu ausentar-se por um tempo. O dia carecia de um traje marcante que pudesse sintetizar a subjetividade paradoxal do ser humano, toda aquela luminosidade da manhã surgiu como uma digna premiação ao momento mágico e extremamente particular da preparação física e mental de Elza.

__Não se aprontasse ainda, Elza?

__Oxente! Marquei hora com ninguém não, visse!

__Mas promettesse a teus filhos que ia estar lá.

__Eu disse que iria ver aquele traste antes da terra quente esconder-lhe a cara. Só isso.

__Não fale isso, mulher. João é pai de teus filhos.

__Deixe-me aqui quieta que vou decidir se apareço por lá.

A conversa com sua irmã teve lugar na pequena sala da casa em que Elza passara quarenta anos dos seus completos cinquenta e cinco, feitos no último dia de São José. Diziam os mais velhos da família que Elza nascera em dia de santo para honrá-lo até o dia de sua própria morte. E de tal honraria sempre se orgulhou, proclamando desde mocinha a todos do bairro o quanto a vida digna lhe era uma missão divina. Havia de respeitar a família, os futuros filhos e marido por todo o domínio do juízo. Recolheu-se em seu quarto, um reino agora de um monarca só. Pôs-se em pé diante do antigo guarda-roupa de madeira envernizada que havia ganhado do tio como presente de casamento, sua festa de debutantes havia sido substituída por um voto de fidelidade ao noivo recomendado pelos pais desde a infância até que a morte os separasse para todo o sempre. A escolha

da roupa era de uma profunda emoção, não esperava usar aquela peça tão logo, a havia comprado numa feira de roupas em Caruaru há mais de cinco anos. Ao mesmo tempo em que lhe encantara a cor do vestido, jamais havia conseguido usá-lo de fato, faltava-lhe um momento de celebração especial, talvez para festa de bodas de ouro pudesse surpreender a todos com a elegância e a leveza que aquele tecido rubro oferecia. No fundo do móvel, um pouco abaixo das colchas da cama de casal, o segura em suas mãos, depois de anos de expectativa de poder sentir enfim o sabor do pigmento que todos lhe diziam ser a imagem da paixão. Talvez não tenha tipo tempo para provar desse sentimento em todas as suas nuances, desde sua jovem consciência, encontrava-se dividindo aquelas colchas, as memórias lhe eram mais coletivas do que somente suas. De pronto, os filhos lhe ocuparam rapidamente todos os espaços da vida e dos sentimentos, nem pôde experimentar o vestido de quinze anos, como era de costume na região, desejara muito poder desfrutar de sua juventude como os moços do bairro faziam, queria dançar nos bailes de comunidade. Casou-se... sem cores, sem baile, sua pureza lhe exigia branco, como símbolo, era o que a tradição dizia.

Arrumou-se lentamente naquela manhã. Havia tempo para passar sobre a pele, os cremes e perfumes que mantinha dentro do guarda-roupa, junto com as peças do casamento, branco, sem baile, mas raramente os usava, a cumplicidade com o cônjuge não lhe permitiu muitos feitos fora da humilde residência. O marido costumava lhe dizer "sem esses cheiros de mulher da vida, gosto ao natural, uma esposa deve ter cheiro de família". Depois dos banhos de honradez, pôde pôr sobre o corpo, aquele vestido, de momentos especiais. Este era um momento especial, merecia aquela luminosidade de fogo agora sobre sua

própria pele. Ajeitou o cabelo, um pouco ainda úmido da preparação. Dirigiu-se para a porta da sala. E da calçada de sua sempre residência de mulher casada, sentou-se na cadeira de descanso que costumava desfrutar somente nos fins de tarde. Hoje, o dia lhe pedia para sentar-se de manhã, e o fez. Com toda a beleza e serenidade que a experiência vivida lhe havia concedido ao longo de seus cinquenta e cinco anos, podia sentir o próprio cheiro suave que exalava de sua pele amaciada pelos cremes de erva-doce, mantidos para momentos de ver a vizinhança. O vestido de paixão assentava-se sobre o corpo de Elza na cadeira, como em um desfile, sua participação nesse dia seria apenas de observação, apreciação.

Sabia que o cortejo passaria em sua rua, bem próximo das onze horas. Aguardou, cruzou as pernas, ajeitou as dobras sobre o colo, e esperou que João passasse. Infelizmente, ele não poderia vê-la tão deslumbrante e encantadora, pronta para a festa, para o baile. Entretanto, era uma despedida, havia luto. Escutou os cânticos das senhoras da igreja aproximando-se. Sorriu.

As lembranças do último inverno ainda lhe eram fortes, diante dos olhos ainda conseguia ver as cenas da morte de seu matrimônio. A cidade pequena do sertão não oferecia condições para que o esposo, sapateiro, pudesse exercer o ofício com segurança para sustentar a esposa, era o que lhe dizia João, antes de decidir passar as semanas trabalhando na plantação de cana de açúcar da cidade vizinha, demasiadamente distante para o retorno diário, preferia voltar somente aos finais de semana. As palavras de João sempre lhe pareceram banhadas cumplicidade. Precisava trabalhar em algo que lhe fornecesse a renda suficiente para manter a todos. Embora tivera a vida toda

a mesma profissão do pai, decidira que seria necessário exercer outro serviço, trabalho de fazenda, como centenas de outros moradores da cidade. Elza não poderia lhe contestar, não havia feito votos em sua juventude para isso, aliás, não saberia como fazê-lo, devia seguir a decisão do marido. E por quatro anos o aguardou. Como uma Penélope do sertão, esperava a chegada semanal do esposo, vindo da árdua batalha da sobrevivência no interior. Sentia muita pena de João, apesar da idade avançada, era preciso ainda trabalhar. Cada retorno era marcado pela dedicação e prontidão da esposa em atender às necessidades de descanso do trabalhador recém-chegado.

Numa dessas tardes, a vizinha de Elza, Dona Francisca, aproximou-se da calçada e batendo palmas fortes, chamou-lhe pela entrada da casa.

__Boa tarde, Elza?

__Boa tarde, comadre. Entra. Aceita um café?

__Estou entrando, com licença. Aceito sim.

__Tudo bem com a senhora?

__Sim.

A resposta de Dona Francisca sai com grande dificuldade e sem maiores reciprocidades. Sentando-se à beira do sofá, aguardou o café ser servido para que pudesse conversar com Elza com mais calma.

__Elza? Soubesse de João?

__Saber o quê? Ele está para a fazenda, trabalhando, volta somente no sábado.

__Então, era sobre ele que eu queria lhe falar.

__O que foi?

__Eu tive a notícia que João, não está

em fazenda, não, visse.

__Está onde ele?

__Uma conhecida minha me contou que teu marido está morando lá na Cidade Baixa.

__Como assim, mulher?

__Ele tem outra. Vive por lá há muitos anos.

A feição da senhora se enrijece, o café parece não ser mais bebível. Apenas o silêncio de Elza pode ser sentido na pequena sala de estar do casal. A temperatura da tarde ajuda a produzir suores intensos sobre a face da mulher, surpreendida com a notícia.

__Sabe onde é?

__Sei, sim.

A caminhada na manhã seguinte foi marcada pela respiração ofegante de Elza que cruzara a cidade em busca do sapateiro na Cidade Baixa. A distância não mostrou ser um desafio para a senhora, os passos eram rápidos e firmes, apesar dos desníveis das calçadas, o desejo de encontrar o endereço fornecido pela vizinha parecia ser um aliviador do trajeto. Depois de uma hora e meia caminhando rumo à sapataria Sagrado Coração, Elza, enfim, chega ao local, conversando diretamente com a atendente da pequena loja de serviços de reparos em calçados, parece não avistar o marido. As duas mulheres conversam rapidamente sobre as necessidades de Elza, havia recebido boas recomendações para encomendar o serviço nessa sapataria.

__A senhora mesmo que faz o serviço?

__Não, não. É meu marido que faz. Ele está lá nos fundos, já está vindo.

__Que bom! Preciso explicar a ele o meu problema.

Entrando pela porta do fundo da sapataria, o homem se depara com sua

esposa Elza. Sem poder produzir qualquer palavra. Elza decide fazer uma solicitação a jovem senhora.

__A senhora pode me arrumar um pouquinho de água. Eu vim caminhando debaixo desse sol quente, não sabe?

__Claro, entendo.

Nesse momento, o homem estagnado atrás do balcão não consegue dizer nada, apenas mira a esposa de forma assustada, e sem qualquer fúria estampada no rosto da senhora, inicia um diálogo curto e seco.

__Espero que tu me acompanhe quando eu sair, entendesse?

Com o retorno da atendente da sapataria, a conversa cessa imediatamente, sem existir tempo para contestações. Elza bebe a água com calma, e ao terminar, agradece a atenção dada pelo casal e dirige-se para a calçada, para poder retornar a sua casa novamente. E dobrando a rua debaixo, Elza escuta o chamado do marido.

__Elza! Posso lhe explicar tudinho.

__Pegue suas coisas em minha casa hoje. Não carece de explicações.

__Mas, devo lhe contar o que se sucedeu.

__Fizesse uma escolha, João. Só isso. Deus há de lhe punir pelo mal que causasse, visse!

__Mas, Elza?

__Se não buscar hoje suas coisas, amanhã cedo tacho fogo em tudo. Pois, assim com elas, tu também vai queimar no inferno muito logo. Tenho dito.

O retorno a casa seria seguido em silêncio durante todo o trajeto, não havia espaço para palavras, eram desnecessárias após quarenta anos de casamento...

Escritas de resistência: custo de vida e literatura em Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto



Talvez cause surpresa ver Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus lado a lado em um mesmo texto. Afinal, os dois estão separados por tempo, espaço, gênero, condição financeira, estilo de escrita. Contudo, escritores negros, por muito tempo secundarizados ou mesmo apagados, ambos viveram e manifestaram uma compreensão aguçada das dificuldades em uma sociedade estruturalmente racista; ambos colocaram em suas páginas a denúncia das condições sociais precárias vivenciadas pelo povo pobre há séculos no Brasil. Entre os temas que o escritor e a escritora abordaram em seus textos, está o custo de vida.



Patrícia Dayane Acs

Patrícia Acs é professora da educação básica há 12 anos. Pesquisou e defendeu dissertação sobre literatura russa no período soviético, na Universidade de São Paulo, analisando a obra "A Mãe", de Maksim Górkki. Atualmente, dedica-se aos estudos das obras de Lima Barreto.

Em seu livro "Quarto de despejo", Carolina Maria de Jesus registra na data de 15 de julho de 1955: "Atualmente somos escravos do custo de vida" (1994: 09). A escritora viveu por alguns anos na favela do Canindé, São Paulo. A favela está registrada, principalmente, em "Quarto de despejo", que, apresentando a forma de diário, revela o dia a dia de dificuldades e carestia vivido pelos "favelados" – termo que a própria escritora utiliza no livro. A fome é a constante de todos os dias no seu diário, pois, a cada dia, Carolina precisa matar um leão para alimentar os filhos. Contudo, "Quarto de despejo" não é apenas o registro, é, também, a reflexão social sobre as causas de tanta penúria humana. E é por isso que Carolina aponta, em diversos momentos, para o custo de vida, as relações capitalistas em torno da questão e a responsabilidade dos governantes. Vejamos mais alguns trechos de "Quarto de despejo":

É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. (1994: 29)

Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: "Quem escreve isto é louco". Mas quem passa fome há de dizer:

- Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios deve ser ao alcance de todos.

Como é horrível ver um filho comer e perguntar: "Tem mais?" Esta palavra "tem mais" fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais. (1994: 34)

Ouvia as mulheres lamentando com lágrimas nos olhos que não mais aguenta o custo de vida. (1994: 84)

Ao falar sobre o custo de vida, Carolina Maria de Jesus nos mostra, ainda, como ele afeta diretamente a vida das mulheres. Em determinado momento de seu diário, a escritora registra: "Como é pungente a condição de mulher sozinha" (1994: 19). Esse é um dado importante! Lendo seu diário, temos contato com essa perspectiva aguçada que desnuda as condições mais penosas da vida das mulheres pobres e negras.

Como quem vive a precarização da vida, mas não sem se revoltar e compreender o que ocorre socialmente, Carolina coloca o dedo na ferida e reage em sua escrita: "Começo a revoltar. E a minha revolta é justa" (1994: 30). A escritora realiza no diário uma manifestação de sua revolta, fazendo da escrita

seu ato de resistência. Nisso, reivindicou da literatura aquilo que Antonio Candido compreendia ao dizer que a “literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição de direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 2004: 186). Dessa forma, Carolina exerce o seu direito à literatura, apesar de todos os pesares de uma vida marcada pela dificuldade do acesso à escrita. A escritora escreveu e teve clareza de muitas coisas. Por isso, em entrevista, não deixou de disparar: “Não é preciso ser letrado para compreender que o custo de vida está nos oprimindo” (1994: 170).

Alguns anos antes, Lima Barreto, no Rio de Janeiro, também escrevia:

As várias partes do nosso complicadíssimo governo se têm movido para estudar e debelar as causas da crescente carestia dos gêneros de primeira necessidade à nossa vida. [...] Entretanto, a vida continua a encarecer e as providências não aparecem.

Não há necessidade de ser muito enfronhado nos mistérios das patifarias comerciais e industriais, para ver logo qual a causa de semelhante encarecimento das utilidades primordiais à nossa existência.

Nunca o Brasil as produziu tanto e nunca elas foram tão caras. O plantador, o operário agrícola continua a ganhar o mesmo; mas o consumidor as está pagando pelo dobro. Quem ganha? O capitalista. (BARRETO, 2012: 37)

(Trecho da crônica “Sobre a carestia” – 15/09/1917)

Lima Barreto tratou de vários temas que tocavam diretamente a vida do povo pobre e, assim como Carolina Maria de Jesus, não só registrou o aumento do custo de vida, como, também, refletiu sobre

suas causas sociais. Nascido em 13 de maio de 1881 e falecido em 01 de novembro de 1922, Lima viveu pouco, mas a diversidade de seus textos aponta para as várias opressões que pesam sobre o povo pobre. Defensor do que chamava de uma “Literatura Militante”, é nas crônicas que o escritor se aproximará de temas que nem sempre foram vistos como dignos do texto literário. Nelas, o cronista denuncia e, munido da ironia, muitas vezes, da acidez mesmo, conduz o leitor a um questionamento que passaria despercebido se tratado apenas pela imprensa comum. Ao refletir sobre as diversas contradições presentes na realidade social da Primeira República, Lima Barreto recorre à crônica como “um espaço peculiar de emissão da palavra do autor. É como se o escritor se instalasse ao lado do cidadão comum, no bonde, nos cafés, nas esquinas, e, após uma troca de ideias, tornasse pública essa opinião que será partilhada com o leitor” (RESENDE, 2016: 83). Por isso, temas como o custo de vida serão recorrentes em suas crônicas.

Décadas depois de Lima e Carolina, a realidade nos coloca novamente diante do alto preço do feijão, arroz, carne, gás de cozinha. Se, por um lado, esse fato nos demonstra a atualidade dos dois, por outro, também é um alerta de que vivenciamos uma estrutura social que não se transformou como deveria. De qualquer forma, sabemos que a expressão do tema revela a percepção sensível e o sentimento de indignação tanto de uma como de outro. Esses textos ainda hoje interrogam o leitor: por que tantas décadas depois ainda enfrentamos os mesmos problemas sociais? A resposta passa pelo que a escritora e o escritor já apontaram lá atrás. As causas do aumento do custo de vida são estruturais em nossa sociedade. Elas se encontram na exploração capitalista e no Estado que mantém a exploração.

Carolina Maria de Jesus escreve:

Na cidade eu ouvia o povo reclamar contra a falta do feijão. Que os atacadistas estão sonogando o produto ao povo. E os preços atuais! Isto não é mundo para o pobre viver. (1994: 165)

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. (1994: 34)

De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome. (1994: 36)

Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos. (1994: 39)

Lima Barreto escreve:

O que parece atualmente é que o governo, seja municipal, seja federal, é impotente para resolver a carestia de vida. (BARRETO, 2004: 486)

Crônica “Variações” – 14/01/1922

é doloroso, dizia, ver acabar tudo isto nas mãos de um tipo alvar, idiota, ignorante, cívico e cínico, como Zé Bezerra, para, com o trabalho de tantas gerações e a meditação

de tantos sábios, trabalho e meditação que estão nas máquinas de suas usinas e nos processos do fabrico, esfomear um país e rir-se de sua miséria.

Nós sabemos por que ele ri-se; é porque conta com a força armada para apoiar o seu saque legal. (BARRETO, 2012: 39)

Crônica “Sobre a carestia” – 15/09/1917

Tanto Lima Barreto quanto Carolina Maria de Jesus indicaram a responsabilidade do capitalismo e dos governantes.

A literatura dos dois revelou a desigualdade social, expressou a indignação e revolta, constituiu uma “escrita de resistência”. Não apenas por trazer temas sociais, mas, sobretudo, porque a resistência se deu “como processo inerente à escrita” (BOSI, 2002). Escreveram em meio às condições mais precárias de vida, enfrentando uma estrutura social racista e machista, se debatendo com seus próprios fantasmas e dos outros, observando e denunciando. Para ambos, a escrita foi um ato de resistência e, por isso, identificamos ideias e sentimentos que nos alimentam aqui no século XXI, que nos ajudam a compreender o avanço do capitalismo sobre nossos direitos, que nos inspiram a resistir. Carolina e Lima nos lembram que é preciso se revoltar e a “revolta é justa”!

Referências

BARRETO, Lima. *Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores*. Organizado por Antônio Augusto Moreira de Faria e Rosalvo Gonçalves Pinto. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

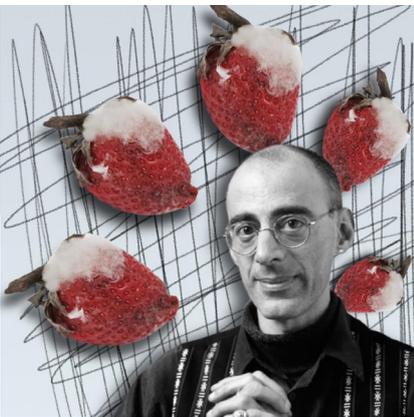
_____. *Toda crônica*: Lima Barreto. Apresentação e notas: Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Agir, 2004, vol. II (1919-1922).

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 1994.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.



Artista Visual Convidado:



Rauni Vilasboas

Rauni Vilasboas é artista atuante no campo musical, poético e visual. Desenvolve um trabalho autoral com a banda "O Mormaço Severino" desde 2009. Seu foco principal é o marginal. Usa como tema de sua arte também as dores pessoais, geradas pela "síndrome do pânico". Em 2020 durante a pandemia, desenvolveu seu trabalho com colagens digitais, ao qual dedica grande parte do seu tempo para ocupar a mente como forma de terapia.

Realização

